

Repetimos sentimentos inúteis sem retorno ou gratidão

Como iria Silvana libertar-se de ambos? A sua mente era um campo de batalha onde se digladiavam dois inimigos. Silvana lutava por erradicá-los de si, livrar-se deste domínio e da importunação constante de os sentir presentes, perseguidores, como se tivessem feito morada na sua mente e andassem sempre atrás dela, da sua paciência e tolerância. Ignorá-los era impossível. Ainda que Silvana quisesse ignorar o drama marcante de Afonso, ele reaparecia por si mesmo, longe da sua vontade, para a atormentar. Não só não conseguia libertar-se dessas memórias como, sem se aperceber, acabava por acolhê-las no seu íntimo e nutri-las. Também Bártolo ia e vinha como um passeante incerto.

Nada que nos selou pode ser ignorado. Não se ignora uma morte ou o amor. Não se ignora uma vida de grandes felicidades ou infelicidades. Nunca as esqueceremos, mas somos tentados a fingir que já as esquecemos. Ignorar não é inventar alegrias, esconder fragilidades ou exaltar a mentira. A dor que se julga estar ignorada, nunca dorme. Apenas descansa. Impossível meter a vida numa caixa e fechá-la a cadeado, para que não a vejamos. Havemos de a ver sempre, de a ter sempre. A nossa vida inteira, tal como foi e aconteceu, vai connosco para onde formos.

Não temos culpa, ou talvez tenhamos, porque buscamos tudo o que queremos e o que não queremos, tudo o que nos alegra e tudo o que nos aflige. Culpa nossa, sempre, culpa nossa. Somos servos de nós mesmos, dessa nossa memória descontrolada que se preza em mostrar-nos o que não queremos ver. Dá vida a coisas mortas, amolece-nos, desinquieta-nos, não deixa o passado sossegar no seu lugar. Não há passado que durma nem presente que desperte. Não há desordem maior. Ficamos a olhar para trás ofuscados, no meio de todos os que já passaram. Repetimos sentimentos inúteis sem retorno ou gratidão. Ficamos cegos, cativos e tropeçamos. Não temos presente. Custa-nos este sofisma.

Silvana sabia que não podia ceder aos ímpetos da alma e das contingências. O pragmatismo não se compadece de fervores, mas discerne a clareza da ambiguidade. É uma questão de persistência. Não pode haver outra forma de se ser. Esta firmeza era a necessidade no meio das interrogações. Silvana prestava-se a apagar essa visão diáfana do passado. As vezes que pensava nisso começavam a ser incessantes, quase obsessivas, mas funcionavam como um

sinal de perseverança. Só o tempo e a sua determinação consolariam o seu drama. Era urgente passar adiante.

Era nisso que Silvana acreditava.

Um dia a sua vida estaria tão despegada de tudo, tão solta, que nem a menor réstia de Afonso ou de Bártolo ousaria cruzar-se com a sua liberdade.

E Silvana ansiava por esse dia. O dia do seu livramento.